



REVISTA PERCURSO

MAR É LUGAR DE GENTE GRANDE: (SOBRE)VIVÊNCIAS DE QUEM TEM ASÈ

José Henrique Singolano Néspole

Professor Adjunto do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (Lecamp/UFTM). Membro no Núcleo de Estudos Marx e Marxismos (NEMARX/UFTM).
jose.nespoli@uftm.edu.br

Joana Eugênia Gonzaga-Souza

Graduada em Artes Visuais, Graduanda em Pedagogia e mestranda em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).
d202410983@uftm.edu.br

Admilson Honorato

ternodecongadapenacho@gmail.com

Lucas Borges Nascimento

Graduado em História e mestrando em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).
lucas.borges.nascimento@educacao.mg.gov.br

Sandy Cristine Prata

Graduada em Educação Física e mestranda em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Membro do Grupo de Ensino e Pesquisa: África e Africanidades - GEPA. sandyprata13@gmail.com

RESUMO: Este artigo explora a Congada como uma prática pedagógica insurgente e decolonial, destacando sua potência como sistema de conhecimento, memória e espiritualidade afro-brasileira. A partir das vivências do Terno de Congada do Penacho em Uberaba (MG) e de reflexões geradas na disciplina Interculturalidade e Educação Popular: Saberes Afro-Ameríndios Decoloniais (UFMT, 2024), os autores — educadores e congadeiros — apresentam a Pedagogia Congadeira, conceito que articula Musicalidade, Oralidade e Ancestralidade. Através de bionarrativas, rodas de conversa e diálogos com autores como Paulo Freire e Gloria

Anzaldúa, o texto desafia a colonialidade do saber na educação formal, propondo uma aprendizagem "marejada" (fluida e coletiva), onde o conhecimento emerge do corpo, da dança e dos tambores. As experiências pessoais de Sandy Prata, Joana Eugênia, Lucas Borges e Rafael Honorato ilustram como a Congada, o Candomblé e a Capoeira formam saberes integrados, curativos e políticos. O artigo conclui com chamados à ação: reconhecer mestres tradicionais como intelectuais; criar metodologias avaliativas baseadas em afetos e ancestralidade; e transformar a academia em espaço de escuta ativa aos saberes marginalizados. Como afirma o General Piu, líder do Terno do Penacho: "Na congada, a gente não decora; a gente incorpora". A Congada, assim, não é objeto de estudo, mas sujeito epistêmico que reinventa a educação e a liberdade.

Palavras-chave: Interculturalidade; Congada; Pedagogia Congadeira; Ancestralidade; Penacho Uberaba.

MAR ES LUGAR DE GENTE GRANDE: (SOBRE)VIVÊNCIAS DE QUIEN TIENE ASÉ

RESUMEN: Este artículo explora la Congada como una práctica pedagógica insurgente y decolonial, destacando su potencia como sistema de conocimiento, memoria y espiritualidad afrobrasileña. A partir de las vivencias del Terno de Congada do Penacho em Uberaba (MG) y de reflexiones generadas en la asignatura Interculturalidad y Educación Popular: Saberes Afroamerindios Decoloniales (UFMT, 2024), los autores —educadores y congaderos— presentan la Pedagogía Congadeira, concepto que articula Musicalidad, Oralidad y Ancestralidad. A través de bionarrativas, ruedas de conversación y diálogos con autores como Paulo Freire y Gloria Anzaldúa, el texto desafía la colonialidad del saber en la educación formal, proponiendo un aprendizaje "marejado" (fluido y colectivo), donde el conocimiento emerge del cuerpo, de la danza y de los tambores. Las experiencias personales de Sandy Prata, Joana Eugênia, Lucas Borges y Rafael Honorato ilustran cómo la Congada, el Candomblé y la Capoeira forman saberes integrados, curativos y políticos. El artículo concluye con llamados a la acción: reconocer a los maestros tradicionales como intelectuales; crear metodologías evaluativas basadas en afectos y ancestralidad; y transformar la academia en un espacio de escucha activa hacia los saberes marginados. Como afirma el General Piu, líder del Terno do Penacho: "En la congada, no memorizamos; incorporamos". La Congada, así, no es objeto de estudio, sino sujeto epistémico que reinventa la educación y la libertad.

Palabras clave: nterculturalidad; Congada; Pedagogía Congadeira; Ancestralidad; Penacho Uberaba.

1 O MAR NOS CONVIDA A NAVEGAR

♪♪♪ " ...Ô nas horas de Deus amém,
 Ô nas horas de Deus amém,
 Eu quero ver benzer primeiro,
 Para se livrar dos maus que vêm..." ♪♪♪

A educação, enquanto prática social e cultural, carrega em si uma profunda ambivalência: pode servir tanto à reprodução das estruturas coloniais quanto à sua contestação e superação. No Brasil, marcado por séculos de colonização, escravidão e apagamento cultural (Nascimento, 2016), o campo educacional tem sido um dos principais espaços de disputa simbólica e política. As escolas, universidades e currículos, ainda hoje, operam sob a lógica da “colonialidade do saber” (Quijano, 2005), marginalizando epistemologias que não se enquadram nos moldes ocidentais, racionalistas e eurocentrados.

Nessa lógica, saberes oriundos de tradições afrobrasileiras, indígenas e populares são frequentemente silenciados, exotificados ou reduzidos a objetos folclóricos, como descreve Abdias Nascimento (2016) quando codifica as formas e meios diários de epistemicídio com o afrobrasileiro. É nesse contexto que a Congada – manifestação cultural afrobrasileira de resistência e ancestralidade – se afirma como prática pedagógica potente e insurgente.

Mais que dança ou celebração religiosa, a Congada é um sistema complexo de conhecimento, memória e espiritualidade. Seus cantos, rituais e hierarquias, constituem uma pedagogia viva, que se aprende com o corpo, no coletivo e em comunhão com a ancestralidade. É o que chamamos neste trabalho de Pedagogia da Congadeira, conceito inspirado por Rafael Honorato (2003), que aponta para territórios de saberes onde se entrecruzam experiências de resistência, oralidade, corporeidade e comunalidade. A Congada do Terno do Penacho, em Uberaba (MG), com seus 136 anos de história, torna-se aqui um caso emblemático de como a cultura afrobrasileira pode ensinar, curar e transformar.

Este artigo é fruto de um processo coletivo e situado, entrelaçando experiências vividas nas atividades do Terno do Penacho e nos encontros da disciplina Interculturalidade e Educação Popular: Saberes Afro-Ameríndios Decoloniais, ministrada na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), em 2024. Por meio de rodas de conversa, bionarrativas, observações-participantes e reflexões críticas, buscamos compreender a Congada não como um objeto de estudo, mas como sujeito epistêmico: fonte legítima de saber; ação política e insurgências pedagógica. Em outras palavras, não se trata de inserir a Congada na universidade, entretanto, de permitir que ela (re)oriente o modo como pensamos o que é educar, quem ensina e o que é considerado conhecimento válido.

Ao longo deste texto, dialogamos com autores e autoras como Abdias Nascimento (2000,2016), Tatiana Machado (2017), Luiz Rufino (2017), e Danilo Kato (2020), além das vozes dos próprios congadeiros e congadeiras que, com seus relatos e vivências, desafiam as fronteiras entre ciência e tradição. Dentre eles, destacam-se as bionarrativas de Sandy Prata, Joana Eugênia, Lucas Borges e Rafael Honorato, sujeitos que transitam entre a academia e a tradição oral, revelando as potências de uma educação forjada na beira da festa, no toque do tambor, no axé dos ancestrais.

Neste sentido, o artigo propõe uma educação “marejada”, que evoca o movimento das águas como metáfora de uma pedagogia fluida, viva, em constante travessia entre dor e cura, tradição e invenção, passado e futuro. O que está em jogo, portanto, não é apenas pensar a Congada como conteúdo escolar ou tema transversal, mas reconhecer sua força como prática de formação integral, descolonial e popular.

Dessa forma, este trabalho se dirige a educadores, pesquisadores, estudantes e militantes que se inquietam com os limites da educação tradicional e buscam caminhos para uma pedagogia que respeite, valorize e se nutra dos saberes dos povos historicamente silenciados. Ao som das caixas do Terno do Penacho, convidamos o leitor a adentrar está escrita como quem entra numa roda: não para observar de fora; mas para dançar junto; aprender com os corpos que sabem; e imaginar, coletivamente, outras possibilidades de mundo e de educação.

2 O MAR QUE NOS CONVIDA A NAVEGAR: GENERAL PIU E O PENACHO:

♪♪ “...olha que eu vinha de muito longe,
quando ouvi caixa bater,
se eu tiver doente eu morro,
se eu não tiver eu sei que vou,
eu sei que vou,
eu sei que vou...” ♪♪

Um possível sonho nos acorda, ouvimos o som das caixas, a voz do mestre distante entrelaça crenças, costumes e, principalmente, a fé. Seguimos num percurso de belezas e encantos para nos encontrarmos conosco mesmos e compreender melhor quão vasto é o mundo da Congada.

Difícil e necessário, compreender que o mundo existente em nós demanda tempo. A academia nos pede rigor; nossos corações leveza e fluidez para seguirmos essa viagem repleta de conhecimento e sonhos.

Somos quatro seres distintos com percepções diferentes, reflexões e vivências, mas o ideal é o mesmo: vivenciar, compartilhar e aprender junto ao General.

E que grandeza de alma! Percebe-se como nossos diplomas se tornam vagos e pequenos perto de tamanha sapiência. Generoso ao partilhar conhecimento, ele conhece mais mundos do que qualquer um de nós. Isso o torna único e completo, fez dele um congadeiro, mas, além disso, nosso mestre.

Interessante ler o outro, mas absolutamente necessário é uma leitura de nós mesmos. Somos quatro indivíduos distintos, mas buscamos o mesmo ideal. Somos resistência além de tudo, estamos aqui em luta diária contra um sistema colonizador que reduz nossas raízes, diminui nossos costumes e inferioriza nossa cultura. No entanto, somos resistentes.

Três de nós vêm da congada, do Moçambique, do axé. Crescemos ouvindo rezas e tambores; talvez o som das caixas nos seja familiar e nos torne íntimos deste tema tão profundo e necessário. Mas acredite, estar dentro muitas vezes nos torna distantes.

Já dizia o ditado de um velho sábio: "Coração é terra que ninguém pisa." Quem sabe o que se passa dentro de cada um quando a batida da caixa ecoa dentro de nós?

♪♪♪ "...dói, dói, dói,
dói deixa doer,
coração da pedra dura,
vai doendo até morrer,
coração da pedra dura,
vai doendo até morrer..." ♪♪♪

Vagas perguntas e de uma imensidão profunda, diante das respostas que cada olhar do mestre nos traz. Diante da magnitude que é o sentir, escutamos cantigas que nos embalam em um profundo sonho, que mesmo com olhos abertos somos levados a espaços nos quais nunca conseguimos chegar caminhando. Observamos de longe o barco, ele entra lentamente na água, por vezes balança, o vento que sopra no horizonte nos contempla, ele se faz necessário para o barco navegar, as águas são turvas, densas e traiçoeiras, mas são intensas e verdadeiras ao mesmo tempo. Mar é lugar de gente grande, só sobrevive ao mar quem tem axé.

♪♪♪ “...Pois esse barco não é meu e nem seu,
Pois ele foi de papai e vovô,
Nesse barco eu nasci,
nesse barco eu me criei,
Nesse barco eu aprendi a remar.” ♪♪♪

Convido-lhes a tomar água de Baobá, nos refrescando diante da sombra da sagrada árvore que nos conecta ao sentido ancestral de resgate e memória dos saberes de um povo que aprende cantando, sentindo e dançando, subvertendo as correntes e prisões colonialistas que transcendendo o tempo e espaço, (re) inventando e (re) existindo cotidianamente as possibilidades de ser e saber, mapeando os engendramentos acadêmicos, estruturados e estruturantes de dogmas e formatações e sistemas, que servem a uma logística escolar infértil, que forma, formata, orchestra e conduzem narrativas e funções diante dos ecossistemas colonizados, frios e distantes.

O colonizador tece uma narrativa dominadora que deturpa diálogos e escutas, relegando o outro à invisibilidade em relação à sua própria história. Eles fomentam uma dicotomia neurótica que resguarda seu ego, engendrando ilusões ideológicas, deturpando verdades e momentos que massageiam seu egoísmo, manifestado na perversidade interna. Esta perversidade se disfarça e se incorpora aos corpos e almas da comunidade negra (Kilomba, 2019).

Ao revisitar esses sentidos, encontro-me diante da necessidade e possibilidade de dialogar com os costumes produtivistas escolásticos, uma polifonia destoante harmonizada por regimes formativos mercadológicos científicos, ciências que se vê e que se faz com os olhos cerrados, coração fechado, polos e poros rígidos, equações exatas brancas e contundentes.

A disciplina de “Interculturalidade e Educação Popular: Saberes Afro-ameríndios Decoloniais”, personifica a sombra de um Baobá, refrigerando nossa intelectualidade (re)existente, nos ofertando água da fonte, servida por mestras e mestres desses saberes, germinados de uma natureza integralizadora, circulares e sentidas, é se embriagar desse elixir, encorajando continuidades e discussões acerca de nossas tecnologias, nos percebendo enquanto ciências aplicada e sentida, buscando e ofertando meios de desacelerar a ciências. Ver o mundo com olhos e corações abertos, perceber-se para além das equações lineares, sentir a plasticidade das semióticas que abrangem e humanizam métodos e metodologias.

As estruturas atuais não permitem que nossas vozes sejam plasmadas, lidas, entoadas e escutadas. Se não nos permitem sequer pensar e expressar, quem dirá oferecer um espaço

para que possamos nos articular. Assim, a disciplina e seus conteúdos programáticos, utilizam dos instrumentos academicistas respaldando e potencializando saberes vividos.

A capoeira, o candomblé, a congada, emergem na intenção de nos reconectar com uma África que vai além da travessia forçada, uma África que dialogou com um sistema mercadológico que gerou rupturas, exclusões e desumanização. Até os dias de hoje, esse sistema mantém uma ordem eurocêntrica colonialista e racista.

Abdias Nascimento (2016) endossa essa perspectiva em sua obra, ressaltando que, em meio a uma constante miscigenação promovida pelos colonizadores europeus, o negro gradualmente desaparece, não apenas em termos morfológicos, mas também socialmente, psicologicamente e intelectualmente. Este processo foi intencional, visando extinguir quaisquer resquícios da herança africana dessa terra colonizada e puritana.

Dançar e se alimentar junto de Deuses, vivenciar saberes registrados/entoados na musicalidade, na oralidade, no corpo, no tempo, regido e regente de uma natureza orgânica, produzida nos olhares e bênçãos das pessoas mais velhas, sentida e escrita no tempo. Na memória transcendente, que os colonizadores insistem em apagar, ofertando fundamentos folcloristas, romantizados, secundarizados, potencializando um distanciamento daquilo que objetivam enquanto ciências, classificando e subalternizando saberes.

As bionarrativas sociais – BIONAS, urge como uma potente tecnologia que estabelecendo diálogo com o conhecimento científico, desestabilizando a rígida conjuntura academicista, incorporando o território, a biodiversidade e a identidade. Esses elementos contribuem para a construção da "experiência de si", configurando-se como um espaço propício para diversas formas de ensino e aprendizagem, validando cruzamentos e saberes em uma perspectiva ampla de reconhecimento e aproveitamento de conhecimentos considerados subalternos (Kato, 2020).

Tais questionamentos não buscam abalar uma instituição sólida, perspicaz e repleta de potencialidades como a universidade, mas sim instigar uma reflexão. Esta reflexão é necessária, não apenas por minha própria motivação, mas em respeito aos meus antecessores e àqueles que, muito antes de minha presença nestas estranhas terras zebuínas, resistiram e continuam resistindo, mesmo quando desconhecemos as origens dessas adversidades.

Conhecimentos que não tiveram sua origem nos rincões, nos quilombos ou nas palafitas, saberes que não foram regados somente a dores e sofrimentos como dizem os livros escolares. Esses escritos entoam cantigas e saberes, decodificados na ordem natural dos

elementos que os cercam, integrados de maneira orgânica à natureza e à sagacidade semiótica dos anciãos.

São narrados da mesma forma que se canta, com o propósito de compreender as origens, convidando-nos a experimentar seus reinados, ternos, esquadrões e batalhões, terreiros, bem como a conhecer seus métodos de auto-organização, compartilhando a fé viva incorporada e abençoada pelos guardiões do sagrado (Lima, 2023).

Por aqui reinventamos nossas liberdades, (re) existindo à inúmeros diálogos com a morte, pulsando vida, chorando, gingando, sentindo e cantando, sendo desapropriados e apropriando das subversões necessárias.

♪♪♪ “... Que vieram num tumbeiro,
Que vieram num tumbeiro,
Oceano em alto-mar, oceano em alto-mar,
Veio pisar na terra seca, veio pisar na terra seca,
Até chegar nesse lugar, até chegar nesse lugar... ♪♪♪

2.1 AS FRONTEIRAS DE UM CONGADEIRO

Sou Lucas Borges, ser de fronteira, ser atravessado. Minha existência é marcada por contradições, justaposições, apagamentos e reinvenções. Nasci em João Dourado, no sertão da Bahia, uma terra tão dura quanto os ventos que sopram no agreste, tão árida quanto as histórias que a forjaram, mas também tão cheia de força quanto as gentes que ali resistem.

Minha mãe, preta, trouxe consigo as marcas de um povo da roça, moldado pelo sol inclemente, pela luta cotidiana e pelo silêncio imposto por um sistema que insiste em apagar memórias. Meu pai, branco, representava outra face do Brasil mestiço, aquele que carrega privilégio mesmo nas suas precariedades. Entre esses dois mundos, sou costurado, pedaço por pedaço, como uma colcha de retalhos que tenta abraçar múltiplas pertencas sem, no entanto, ser aceita por nenhuma delas.

Com apenas 8 meses de vida, fui arrancado da terra que me viu nascer e fui levado para Monte Carmelo, Minas Gerais. Minha família era parte da migração tardia do Nordeste para o Sudeste, movida pela busca de um futuro que nunca era garantido. Carregávamos pouco além da esperança. Éramos muitos debaixo de um só teto: meus avós paternos, tios, tias, minha mãe e eu. Monte Carmelo, a capital das telhas, com sua terra vermelha e suas

paisagens onduladas, tornou-se o cenário da minha primeira infância. Ali, os laços familiares, embora apertados, eram também espaço de tensões. A pobreza, a necessidade e o pertencimento partilhado se misturavam, enquanto minha identidade começava a se formar em meio a histórias de sobrevivência e resiliência.

A Bahia, no imaginário popular, é sinônimo de ancestralidade pulsante, de corpos pretos dançando em harmonia com o tempo, de histórias marcadas pelo axé que vibra no litoral. Mas essa visão romântica não alcança o sertão, onde a memória negra é soterrada pela dureza da terra e pelo apagamento sistemático que acompanha a pobreza e a exclusão. Minha família materna carregava em si a ausência dessa consciência negra, marcada pelo peso da sobrevivência em um contexto de trabalho árduo e escassez. O orgulho da ancestralidade preta parecia tão distante quanto a chuva nas estiagens prolongadas. Crescer nesse espaço era sentir uma ferida que não tinha nome, mas que doía mesmo assim.

Gloria Anzaldúa, ao falar de fronteiras, dizia que "o que é proibido e o que é renegado habitam nelas" (Anzaldúa, 2012, p. 25). Eu habito essas fronteiras – sou meio baiano, meio mineiro; meio preto, meio branco; meio "homem". Sou, como ela, um ser mestiço que não encontra lugar no essencialismo das identidades fechadas. A mestiçagem que me atravessa não é apenas biológica, mas também cultural e emocional. Carrego a tensão constante de pertencer e não pertencer, de ser demais para um lado e insuficiente para o outro. Essa posição, muitas vezes desconfortável, me permite enxergar os limites do que é considerado "normal" e transgredi-los, como quem constrói uma ponte onde antes havia apenas abismos.

Na convivência com minha família paterna, predominantemente branca, experimentei o distanciamento de uma parte de mim que se reconhecia preta, mesmo que sem palavras. Na Bahia, minhas raízes negras eram invisibilizadas; em Minas, eram percebidas, mas nunca valorizadas. Essa dinâmica reflete o que Anzaldúa descreve como a "ferida aberta", um espaço onde culturas se chocam, sangram e tentam curar-se umas às outras, sem nunca se fundirem completamente (Anzaldúa, 2012, p. 26). A dor dessa ferida não é apenas individual, mas coletiva; ela está nas histórias não contadas, nos silêncios que ecoam por gerações, na invisibilidade que sufoca nossa humanidade.

Ser de fronteira, para mim, é carregar o peso e o privilégio de transitar entre mundos, mas é também sentir-se exilado em todos eles. O sertão, com sua secura, deixou em mim a marca da resiliência, mas também do apagamento. Minas Gerais, com seu horizonte de possibilidades, nunca me permitiu esquecer o peso da origem nordestina. Sou um corpo que

carrega em si as marcas de uma diáspora interna, um movimento contínuo entre a herança do Nordeste e as oportunidades do Sudeste, entre a negritude negada e a branquitude desconfortável.

Essa condição, que às vezes parece um fardo, é também minha força. A fronteira não é apenas lugar de ruptura, mas também de criação, como Anzaldúa tão poeticamente descreve: "Sou um amasamento, um ato de unir e questionar, de dar novos significados" (Anzaldúa, 2012, p. 103). É nas margens que encontro a potência de construir algo novo, de subverter narrativas hegemônicas, de dar nome ao que antes era silêncio. Nomear-me, reivindicar minhas múltiplas pertencas, é um ato de sobrevivência e resistência.

Foi em Uberaba, onde resido atualmente, que comecei a me reconectar com as raízes que antes pareciam tão distantes. A cidade, com sua rica história de resistência cultural, tornou-se o palco de meu despertar para questões de identidade e pertencimento. O contato com a congada, especialmente com o Terno do Penacho, com seus mais de 136 anos de história, me fez perceber a força da cultura como resistência.

A congada em Uberaba é mais que uma manifestação cultural; é um testemunho vivo de como a tradição pode sobreviver e se reinventar mesmo diante das maiores adversidades. A história da demolição da Igreja de Nossa Senhora do Rosário em 1924 é emblemática nesse sentido. Aquele espaço sagrado, que era o coração da comunidade preta local, foi destruído em um ato de violência simbólica e material. No entanto, a força da tradição congadeira persistiu, encontrando novos espaços e formas de expressão.

O General Piu, figura central do movimento congadeiro em Uberaba, sempre diz que a congada é um espaço de cura e transformação. Em suas palavras, quando dançamos e cantamos, não estamos apenas reproduzindo passos e melodias, mas reconectando-nos com uma ancestralidade que vai além da dor da escravidão. Cada batida do tambor é um chamado para nossas raízes, cada canto uma prece que ecoa através dos tempos.

Esta perspectiva da congada como espaço de cura ressoa profundamente com minha própria jornada de autodescobrimento. É no ouvir (música) e ver (dança), que encontro possibilidades de processar e transformar as experiências de deslocamento e fragmentação que marcaram minha vida. A congada me ensinou que a tradição não é algo estático, mas um rio vivo que se renova a cada geração.

Ser de fronteira, para mim, é habitar um espaço de ambivalência, onde identidades se cruzam, mas nunca se encaixam perfeitamente. É um estado de constante deslocamento, onde

o pertencimento é ao mesmo tempo uma busca e uma negação. Este lugar intermediário, que Gloria Anzaldúa chama de "nepantla", é um espaço de transformação e possibilidades infinitas.

Na fronteira, aprendi que não preciso escolher entre ser baiano ou mineiro, entre ser preto ou branco, hetero ou gay. A fronteira me permite ser tudo isso simultaneamente, em um estado de constante negociação e reinvenção. É um espaço onde as contradições não precisam ser resolvidas, mas podem coexistir em uma dança complexa e enriquecedora.

Escrever sobre minha experiência como ser de fronteira é também um ato de resistência. Ao colocar em palavras as complexidades de minha identidade, desafio as narrativas simplistas que tentam encaixar pessoas em categorias fixas e imutáveis. A escrita se torna um espaço de afirmação e celebração da diferença, um meio de dar voz às experiências que muitas vezes são silenciadas ou marginalizadas.

Cada palavra escrita é uma ponte lançada sobre o abismo do esquecimento, uma tentativa de preservar e transmitir as histórias que formam quem sou. Através da escrita, busco não apenas compreender minha própria jornada, mas também contribuir para um diálogo mais amplo sobre identidade, pertencimento e resistência cultural.

Olhando para o futuro, vejo que minha condição de ser de fronteira não é uma limitação, mas uma fonte inesgotável de possibilidades. As mesmas linhas que dividem também podem conectar, criar pontes entre mundos diferentes. Minha experiência pessoal se torna uma lente através da qual posso contribuir para discussões mais amplas sobre diversidade, inclusão e justiça social.

A jornada de autodescobrimento e reconexão com minhas raízes continua. Cada dia traz novas oportunidades de aprendizado e crescimento, novos desafios para navegar as complexidades de uma identidade múltipla e fluida. Como o sertanejo que aprende a ler os sinais do céu para prever a chuva, aprendo a ler os sinais de minha própria história para encontrar direção e sentido. Minha trajetória é um testemunho das tensões e possibilidades de ser de fronteira. Entre João Dourado e Uberaba, entre o sertão e o Sudeste, entre a branquitude e a negritude, encontro meu lugar não em um ponto fixo, mas no movimento, na transgressão dos limites.

Assim como a congada celebra a ancestralidade enquanto projeta esperança para o futuro, também busco, em minha bionarrativa, uma forma de celebrar minhas múltiplas pertencas e criar novos significados para o que significa ser. Ao refletir ainda, percebo que minha identidade não é uma essência fixa, mas um processo em constante transformação.

Habitar a fronteira é aprender a lidar com a ambivalência, com a insegurança, com o risco de ser incompreendido. Mas é também reconhecer a beleza de ser múltiplo, de carregar em si a possibilidade de criar histórias, de conectar mundos que parecem irreconciliáveis.

Escrever essa narrativa é um ato de resistência contra o apagamento, um grito que atravessa as fronteiras impostas pelo racismo, pela pobreza e pela desigualdade.

É preciso que o negro construa sua identidade para além do olhar do outro. A luta contra o racismo passa, necessariamente, pela valorização da negritude e pela negação do lugar de inferioridade que a sociedade racista lhes impôs. Parafraseando Kabenguele Muganga (1999), quando o mesmo conceitua raça como uma construção social, política e histórica, assim devemos considerar e desconstruir, dinamismos coloniais que nos mantem na subalternidade em diferentes processos vivenciados.

É, como Anzaldúa descreve, uma tentativa de colocar ordem no caos, de criar uma alça capaz de segurar o mundo, mesmo quando ele insiste em escorregar por entre os dedos (Anzaldúa, 2000, p. 232). É também um chamado, um convite para que outros seres de fronteira encontrem, em suas tensões e contradições, a potência para existir, resistir e transformar.

Hoje, contudo, finalizo sendo novamente fronteira: entre a vontade de avançar e a necessidade de recuar. Neste momento, o peso dessa travessia tornou-se grande demais, e reconheço que não estou bem para seguir nessa trajetória. É uma pausa necessária, não uma desistência.

2.2 A GINGA DE UMA CONGADEIRA

Penso que para começar este texto eu poderia dizer um pouco sobre mim mesma, como cheguei, quantas Sandys se foram e chegaram até esse mestrado, na disciplina de interculturalidade, construindo uma bionarrativa juntamente com General Piu do Terno de Congada Penacho em Uberaba-MG.

Fui e sou criada por 3 mulheres pretas: minha mãe, mulher aposentada após quase 50 anos de muito trabalho carregando vassouras, rodos, baldes e mangueiras, caminhando uma média de 15 km por dia, que no meio do movimento, fez uma graduação e duas pós-graduações na área da educação. E hoje atua como professora de escola na educação especial, mulher de sorriso largo e assunto fácil, não tem quem não a conheça. Minha vó, que foi costureira de “mão cheia”, requisitada, dançava junto ao meu avô nas competições e festas,

gosta de samba, casa cheia e comida boa na mesa. No passar dos anos sofreu um AVC que feriu sua independência nas malandragens do caminhar, mas que com grande maestria, mantém a casa repleta de abundância no viver pretitude. E por fim, minha irmã mais velha, vejo ela como Exu, a mensageira e o caminho, puxou vovó, gosta de muita farra, movimento, corpo presente e dançante, mas também é de “poucas ideias”, objetiva e sem rodeio, toda acolhedora, o amor da minha vida. Hoje escolhi partilhar minha casa com minha esposa, mulher que sabe chegar, permanecer e sair de todos os lugares que se propõe a estar, de palavras firmes e bem-ditas ao depender do ouvir, se parece com uma preta velha. Acredito que para eu conseguir estar aqui hoje é porque tem um pouco de cada uma dentro de mim.

Cheguei aqui, mas e agora? O que a disciplina de interculturalidade fala sobre mim, sobre o outro, sobre a educação e sobre congado?

Para pensar essas questões, vale dizer sobre o que penso de interculturalidade e o que vivencio nessa disciplina, quais corpos, ou melhor, “corpas” vieram de encontro com a minha “corpa” (usarei corpa ao invés de corpo, na tentativa de ressignificar alguns padrões da linguagem masculina). Interculturalidade a partir da minha vivência, leitura, ponto de continuidade que se iniciou com minhas ancestrais, pode ser pensado quando duas ou mais culturas entram em interação no sentido horizontal e sinérgico.

As práticas de resistência que serão protagonizadas nesta disciplina são: um terno de congado; uma escola de capoeira angola; um terreiro de candomblé e vivências com um Cacique Pataxó. Sinto, para além do que vivo, que essas práticas simbolizam família, educação, rezos e festas, tudo na mesma dose, mas doses que cada pessoa tem sua medida ao engolir ou até mesmo cheirar.

Nas primeiras aulas ou podemos chamar também de gingas (talvez circule melhor o meu diálogo aqui junto com minha e meus colegas que estão para chegar), aconteceu um momento de estranhamento conosco mesmo, o entrar em uma caixa e sentir incômodo para sair dela, um sentimento de prisão, tortura, respiração ofegante, vontade incontrolável de chorar, desistir. O mais interessante é que essa caixa também existe na sala de aula ao lado, e em outras universidades, até mesmo em escolas com crianças que sequer sabem ler, mas a cada grupo, ou também níveis de ensino, é perceptível a diminuição do número de pessoas específicas do lado de dentro da caixa. Às vezes penso que é estratégico! Às vezes penso que aquelas pessoas incomodadas ao estarem naquela caixa tem jeitos, formas, línguas, cores

específicas... será que posso ousar dizer que são não brancas? Acho melhor não, pois o meu ponto de vista é apenas de um olhar preto.

Um olhar preto que luta para estar fora da caixa todo o santo dia, tão santo, que até o povo de santo tem que lutar para sair da tal caixa para conseguir rezar dentro de suas igrejas, mas esse assunto vamos deixar para uma próxima ginga.

Falando em ginga, após aquele estranhamento conosco mesmo, percebi a importância do ouvir, que para mim é um pouco mais fácil, já que não sou muito de falar, e notei importância de saber filtrar o que quero ouvir, que está totalmente ligado ao meu sentir. Para que pudéssemos ouvir os saberes ancestrais, foi necessário que a mestra e os mestres, cientes de toda a potencialidade dos seus dizeres e saberes, aceitassem o convite de entrarem dentro dessa caixa e nos resgatassem de dentro dela. Esses dizeres que tem ritmo, toque e dança. Chega a ser engraçado, intrigante e gostoso ouvir cada um deles.

Fico pensando se esses dizeres cantados têm pontos em comum, tipo uma encruzilhada, sabe? E estou usando o termo “dizer”, porque ele me traz um tom de verdade, de cuidado, de atenção no que estou falando, vocês também sentem isso? Enfim... dizeres que só são ditos para aquelas pessoas que estavam lá naquele momento e com aquelas pessoas, eu é que não sou boba de não ouvir, né? (Risos). Vai que eles me dão dicas de como estar dentro da sala de aula estudando, mas sem necessariamente estar dentro de uma caixa sufocada, sem ar, sem luz e sem música. Não sei se esse foi o intuito deles, só sei que sinto isso!

Esse ponto “encruzilhada” que dança e canta, com o olhar do povo, de fora da caixa parece ser muito complexo e instável (não estou afirmando), só porque são práticas que alimentam a potencialidade do indivíduo para aprenderem a viver em comunidade, algo tão estranho que muitas pessoas olham para mestres como eles e tentam exterminar suas histórias, suas corpas, seu povo. Mal sabem que florescem diversos mestres e mestras por aí a cada dia que passa, alguns até em formação para mestres. Coitados, deixa descobrirem sozinhos, (risos).

Vale ressaltar que esses mestres passaram e passam por um processo de formação com seus mais velhos e mais novos constantemente, sem faltar um dia, parece com uma escola, talvez até seja sua forma de pensar sua escola. Mestres que prezam o cuidado da oralidade, da ancestralidade, da continuidade, tudo com mandinga, manha e malícia. Uma outra forma de sentir e pensar um tempo, um tempo fora da caixa, talvez essa seja a angústia daquelas corpas que resistem em não entrar na caixa da sala de aula ou tentativas de sair, pois não se encaixam mais.

Quando falamos de tempo também falamos de memórias, da vida, dos sentimentos. Acho que não falei que minha corpa é encapoeirada, para algumas é congadeira, para outras, macumbeira, para outros, essa corpa nem existe. Já outros me veem como ameaça, e não falo apenas sobre a minha corpa, mas também daquelas que se parecem com a minha.

Não querendo entrar muito na questão histórica, pois tenho colegas que falarão melhor sobre isso, mas as corpas preta e indígena, mesmo com todas as tentativas de extermínio, carregam consigo uma ancestralidade feiticeira, bastante complexa como foi dito antes, que vivenciar apenas seus grupos, ritmos, toques e gingas é difícil e confuso, mas essa dança é tão sábia que ousou dizer que ela dança e ginga e pula em qualquer outra escola...

2.3 AS ONDAS DE UMA CONGADEIRA

Quando propus a escrita, imaginei que seria fácil dialogar entre a Joana de hoje e aquela menina de muitos anos atrás. Mas não foi tão simples assim. Questionei-me várias vezes sobre tudo que ouvi ao longo desses anos sobre o meu ser. Levantei possibilidades de quantas Joanas existem dentro do meu íntimo mais profundo e, acredite, são muitas. Sou Joana Eugênia, Joana, Joaninha, Jô, sou a mãe de Jesus e Miguel, sou filha de Áurea, Jeová e Robson, sou a irmã mais velha dos meus inúmeros irmãos, neta, sobrinha, sou a tia e a professora de uma molecada que mal consigo contar. Para os meus a Dofonitinha ty Yemonjá, a menina dos olhos de Omolu e Ogum, sou a pretinha de Ildeu e João.

Sentei na beirada da cama e conversei com os dois homens mais importantes da minha vida. Gostaria de apresentá-los aos meus filhos e pedir que contassem histórias como as que cresci ouvindo. Ambos me fizeram entender, desde cedo, quem eu era e o real motivo de estar aqui.

Ildeu e João: dois homens tão diferentes e, ao mesmo tempo, completamente iguais. Ambos eram muito altos. Um era branco, de olhos verdes amarelados, e o outro, preto retinto, com olhos cor de esmeralda. Como eram lindos. Bem, ainda são. Sempre os vi como meus heróis. Fui criada sem a presença paterna, e ambos fizeram um excelente papel enquanto aqui se faziam presentes. Sei que, mesmo em outro plano, continuam zelando e olhando por mim. Ildeu, meu avô materno, e João, o avô paterno. Creio que nossos ancestrais, em algum lugar não muito distante, quiseram o encontro desses homens comigo e os tornaram tão presentes

na minha formação moral e espiritual. Ambos benziam, rezavam e me apresentaram conhecimentos que dificilmente aprenderiam em qualquer livro.

Veza ou outra, sinto aquele cheiro gostoso de fumo de corda curtido no mel, misturado com rosas brancas e sálvia. Já percebi a presença de um deles ou dos dois. Ildeu e João sentam ao meu lado e me trazem tudo aquilo que meu corpo precisa. Aprendi com eles a rezar em silêncio, e assim compartilharam todos os seus conhecimentos. Fui a única neta de ambos a aprender seus segredos, conhecimentos que sei que não posso compartilhar com qualquer um.

Recordo-me de várias cenas em que um deles dizia para prestar atenção, pois iria me ensinar a rezar. E era em silêncio que ensinavam. Nunca entendi completamente o propósito de todo aquele aprendizado, que por vezes me trouxe paz e, em outras, desespero. Guardei muito do que aprendi, e veza ou outra é necessário tirar esses saberes da gaveta.

Fiquei empolgada quando soube da disciplina. Um entusiasmo tomou conta de mim, e eu sabia que sairia muita “coisa boa” dali. Recordo-me da primeira aula, da maneira como o professor Danilo nos levou a reconectar com nossa essência. A cada batida do pé no chão, eu me conectava às minhas raízes e, por vezes, segurava o choro. Senti eles ali comigo. Na verdade, senti muitos ali comigo.

Ao longo dos diálogos e no entrelaçar entre os mestres e suas profundezas, deparei-me com diversas reflexões. Ponderei inúmeras vezes e guardei para mim questionamentos que surgiam, pois descobri que muitas das perguntas eu mesma sabia responder. Fui apresentada aos saberes indígenas, que muito se assemelham aos conhecimentos trazidos pelos meus. Desde criança, aprendi a me curar com rezas e ervas. Minha mãe me banhava com açúcar e hortelã desde que me conheço por gente. Cresci tomando chás para aliviar dores que a medicina não explica, mas que a alma compreendia perfeitamente.

Nas aulas, começamos uma busca pelo conhecimento, quebrando paradigmas e preconceitos que, muitas vezes, carregamos sem perceber. Para alguns, esse exercício foi mais fácil; para outros, nem tanto. Sempre que era necessário separar Congada, Candomblé e Capoeira, eu me sentia profundamente perturbada. Para mim, faziam parte de um todo. Foi então que percebi que esse todo era nada mais do que o meu próprio ser.

Fui apresentada a cada um desses elementos de maneira distinta. Em diversos momentos da minha vida, cruzaram-se para formar quem eu sou. Recordo-me do respeito que aprendi com meu mestre Odirlei, ainda criança, na capoeira. Foi nesse processo que percebi

onde conheci meu objeto de estudo: a arte-educação, presente em minha vida desde sempre, embora eu nunca tenha percebido isso. Olhar de fora é sempre mais fácil.

Mais tarde, já com muitos rótulos impostos a mim, fui apresentada à Umbanda e, em seguida, ao Candomblé. Ambos me formaram além do ser espiritual; moldaram minha moral, que havia sido usurpada quando fui obrigada a vestir roupas que não me pertenciam. Deixei de ser criança muito cedo, precisei vestir uma armadura de super-heroína e tentar salvar meu mundo. Foi junto aos meus que entendi que eu não andava só. E que delícia foi conhecer aquela Joana que aprendeu a rezar em silêncio.

Depois de viver muito e compreender cada pedacinho do meu ser, percebi como era importante reconhecer de onde vim, experienciar a vida e honrar o que minha ancestralidade propôs para mim, além das escolhas que fiz antes de trazer meu corpo a este plano. Recordo-me da primeira vez que vi um cortejo passar. Meus olhos brilhavam, e eu me sentia pertencente àquilo tudo. Mas cresci e aprendi que, para muitos, eu era “muito clara” para pertencer à família que eu acreditava ser minha.

Ouvia sussurros e frases pesadas demais para uma criança. Por isso, precisei vestir uma armadura que embranqueceu meu ser. Por muitos anos, deixei de ser quem eu era, pois a sociedade precisava de uma Joana que coubesse dentro dos padrões. Sempre fui rodeada de mulheres e homens fortes, que me moldaram e me prepararam para a vida. No início da minha adolescência, conheci um homem alto, preto, de fala firme e entonação, por vezes, grossa. Sempre que falava comigo, dizia “neguinha” ou “pretinha”. Passei anos sem entender seus motivos, pois havia sido criada para ser uma mulher embranquecida.

Com o tempo, nossos laços se fortaleceram. Ele foi um dos pais que a vida me deu. Anos depois, fui adotada por sua família e, ali, senti que realmente pertencia àquele lugar que tanto se parecia com minhas lembranças de infância. Ninguém me tratava diferente; eu era negra como eles. Foi então que comecei a me reconhecer e entender meu lugar no mundo e no coração deles. Seu nome é Robson, mas eu o chamo de pai. Foi ele quem me apresentou tudo que remete ao nosso povo e o principal foi a Congada, o Moçambique e a beleza que é traduzida através da música, da dança e da espiritualidade que esses saberes carregam. Por meio dessas manifestações, aprendi sobre resistência, fé e a força coletiva do nosso povo, valores que ecoam profundamente em minha essência.

Quando surge a pergunta: “O que a disciplina fala sobre si, o outro e a educação?” não consigo separar toda minha história da resposta que escrevi e reescrevi até chegar aqui, a

disciplina me trouxe vivências incríveis e resgatou dentro de mim memórias nas quais eu não me recordava e só consegui ter acesso ali, compreendi que aprendi além dos livros, aprendi na capoeira, no candomblé, na congada, foi junto aos meus nos ternos de Congada e Moçambique que aprendi muito do que levo hoje para a educação e para a vida.

Educar sempre foi meu sonho, quando criança meu desejo era aprender a desenhar, mas não para mim, queria ser professora de desenho, claro eu não sabia desenhar. Sempre fui extremamente esforçada e isso refletiu na minha vida adulta, me tornei aquilo que sonhava e sempre almejei fazer pelos meus aquilo que um dia fizeram por mim, gerar valor e auxiliar no crescimento deles através da educação. Hoje bem no meio dessa encruzilhada compreendi que fui formada não somente pelos livros que li, mas por todos os mestres que me trouxeram até aqui.

2.4 O (RE) ENCONTRO DE UM CONGADEIRO

♪♪♪...Meu General, lhe peço licença,
Eu sou do grupo e também sou congadeiro,
Para cantar nesse terreiro licença peço primeiro...♪♪♪

Da proa do barco, depois de uma cansativa viagem dissertativa, avisto terra seca, árvores aquíferas, resguardadas pelos guardiões do sagrado, mestras e mestres dos saberes populares, dominadores da arte de (re) existir, cientistas das oralidades cantadas e sentidas.

♪♪♪... Eu vim lá do mar ô gente... Eu vim lá do mar contente...
Ô viagem boa, ô gente...ô viagem boa...
Mas é do meu querer, contente, é do meu querer ô gente
Ô viagem boa, ô gente...♪♪♪

Ao reencontrar nos engenhos academicistas a disciplina de “Interculturalidade e Educação Popular: Saberes Afroameríndios Decoloniais”, avisto água fresca e descanso para a alma, ao colo dos ancestrais, diálogos cantados, rezo e danças, desafogo as armadilhas coloniais, mascaradas à sutis questionamentos, sobre o que é ou não ciências, subalternizando seres e saberes.

Ao retornar (re) encontrar a congada, recordo de nossos juramentos, das bênçãos e circularidades ecoadas aos toques das caixas de guerra que cantam a liberdade, despertando

os cativos nos lembrando de onde viemos, nos ofertando um sul epistêmico, aprofundando nossas histórias, nossos ensinamentos/aprendizagens organizações e irmandades.

Que por hora lembra dos ritos de (sobre)vivência cantados, das contas do sagrado Rosário, rezado pelas calejadas mãos de minha avó e matriarca Manoelina Maria de Jesus, que em sua regência preserva os saberes ancestralizados e tão vivos nas bênçãos, nos cantos e nas vestimentas do Terno de Congada do Penacho.

Minha avó, a mais anciã na esfera terrena, é a matriarca da nossa família, construindo o mundo em suas contas de rosário, representando uma fortaleza de fé e a manifestação da natureza em seu estado mais puro, a experiência mais próxima que tive de uma divindade. Ela carrega em seu peito e em seu "Ori" uma herança ancestral, fundamentada nos ensinamentos de meus bisavôs Honorato e Maria, sendo ela a responsável por semear, regar e acompanhar de perto o desenvolvimento e o enraizamento das sementes (conhecimentos) que foram legadas a ela, mantendo nossa ancestralidade vibrante e pulsante no âmago familiar, transformando-nos em seus discípulos e continuadores.

Os movimentos de organização arquitetados diante a disciplina, risca a luz das velas os ritos de responsabilidade assumidos diante aos diálogos, palestras, rodas e escrito, que representam um povo invisibilizados, assim buscamos assumir nossas narrativas e encarnar Mpatato (nó da pacificação) entre nós, cientes daquilo que nos fizeram ser guiados pelo espírito da Sankofa que entre nós habita, nos indicando novos tempos.

♪♪♪♪ "Com pena, escrevi com pena,
Com pena, aprendi a ler,
Com pena eu vivo penando, Penando até morrer..." ♪♪♪♪

Viver a congada para além dos toques de caixa é buscar no interior coletivo o que nos trouxeram e nos mantiveram até aqui, uma incessante busca de desconstruir/reconstruir narrativas romantizadas que folcloream nossos saberes e docilizando nossos corpos e movimentos que mantenham nossa busca por liberdade e os resquícios de uma guerra racista sustentada na estrutura de um sistema que ainda nos nega enquanto seres e saberes.

♪♪♪♪ "... O mancha preta lá do Quilombo,
Pois quando entra na cidade,
Ele vem gritando viva,

Viva a nossa liberdade...” ♪♪♪

Ciências preta que me leva a enxergar para além das feridas, nos percebendo e acendendo luz aos nossos saberes e costumes, questionando quem somos, onde estamos e assumindo com ousadia de projetarmos para onde queremos ir, sendo sujeitos de nossos tempos comungando junto dos outros, reacendendo comunidade, vivenciando irmandades, se subvertendo modos operantes que outrora nos enquadravam.

A Congada desperta sensibilidades, faz de mim singular, e os encontros nos pluralizam, confluindo experiências germinando possibilidades científicas ritmadas nos toques das caixas e gingas dos corpos.

A convergência entre minha jornada pessoal e profissional, aliada aos estudos acadêmicos oferecidos na disciplina de Interculturalidade e Educação Popular: Saberes Afroameríndios e Decoloniais, apresenta oportunidades de continuar a desmistificar os solos e mares por onde fluo, ampliando ritmos e pesquisas que nos trouxeram até este porto. Contextualizando, explorando possibilidades de enraizar as narrativas congadeiras, cultuando culturas para além das estruturas racializadas, emergindo das profundezas desbravando nossos mares e raízes ancestrais e considerando as experiências e perspectivas individuais e coletivas.

Talvez nossos estudos conduzam a outras dimensões e percepções da congada, aplicando a ciência em colaboração com os detentores desse conhecimento, registrando e analisando as possibilidades de ensino geradas internamente nas comunidades tradicionais afro-brasileiras. Isso pode expandir e incorporar saberes que nos auxiliem a compreender as discordâncias e concordâncias possíveis entre o processo de ensino nas comunidades tradicionais e a educação formal, contribuindo para a educação que faça e seja sentido.

♪♪♪ “...Planta que o chão dá,
só não dá se não plantar,
Plantei amor, com meu coração profundo,
Dei amor pra todo mundo,
Ainda sobrou amor pra dar,
Planta que o chão dá,
só não dá se não plantar...” ♪♪

3 CONFLUÊNCIAS DE SABERES

Ao término desta travessia entre cantos, tambores e saberes insurgentes, reafirmamos: a Congada não deve ser vista como objeto de análise acadêmica, mas como sujeito político-pedagógico de saber e resistência. Ela não pede espaço na educação formal – ela o ocupa, o transforma e o reinventa. O que aqui se apresentou não é apenas um estudo sobre a Congada, mas uma escuta atenta de suas vozes, seus ritmos e suas epistemologias, vividas e narradas pelos corpos que as encarnam. As experiências partilhadas pelo Terno de Congada do Penacho e pelas bionarrativas dos participantes deste percurso revelam três eixos centrais que desafiam a rigidez da educação tradicional e anunciam futuros outros.

A Congada nos ensina que o conhecimento não habita exclusivamente os livros, os títulos ou os muros escolares. Ele pulsa no corpo que dança, no tambor que chama, no canto que evoca os ancestrais. Ele se escreve no chão da festa, no silêncio do respeito e na escuta do mais velho. O saber congadeiro é relacional, coletivo e espiritualmente enraizado. É, como afirma Rafael Honorato, uma “circulação de axé” – movimento contínuo entre tempo e território, onde o aprendizado se dá em comunhão, com o corpo presente e a alma acesa.

Como sintetiza o General Piu, líder do Terno do Penacho: “Na congada, a gente não decora; a gente incorpora. O saber vem com o movimento do corpo e a batida do coração.”

Aqui, o aprendizado não é individualizado nem meritocrático – é gesto, afeto e ancestralidade em movimento. A criança que bate caixa, a mulher que comanda o cortejo, o idoso que entoia os pontos sagrados: todos ensinam; todos aprendem; todos mantêm viva a chama da tradição.

As experiências vividas na disciplina Interculturalidade e Educação Popular escancararam os limites da universidade como espaço de acolhimento de saberes outros. Ainda que discursos de inclusão ganhem força, as estruturas seguem moldadas por parâmetros eurocentrados, epistemologicamente excludentes. Como questiona Sandy Prata: “Quantos de nós precisam se despedaçar para caber nos moldes da universidade? Quantos saberes são deixados do lado de fora da porta?”

É urgente romper com a lógica da “caixa colonial” que confina o saber ao texto escrito, à objetividade fria, à autoridade acadêmica descolada do chão da vida. Propomos uma virada radical: não apenas incluir vozes marginalizadas, mas reconstruir os alicerces do que é

reconhecido como conhecimento. Isso passa por metodologias insurgentes, como: Bionarrativas: narrativas que emergem da experiência encarnada, da vida vivida, do corpo que sabe; Avaliação por afetos: o conhecimento não se mede apenas por produtividade, mas por impacto na comunidade, por cura, por mobilização; Horizontalidade pedagógica: onde mestres da tradição, sem diploma formal, são reconhecidos como doutores da vida.

O canto “O mar nos convida a navegar” ressoa como chamado coletivo para seguir em travessia. Se a escola é um barco ainda colonizado, a Congada é jangada ancestral que nos ensina outras formas de navegação. Não se trata de abandonar a academia, mas de transformá-la desde dentro, a partir de outros ritmos, outras bússolas, outras temporalidades.

Nesse espírito, propomos caminhos concretos para um agir pedagógico enraizado: criar núcleos de educação popular em diálogo com comunidades tradicionais e mestres congadeiros; produzir materiais didáticos que respeitem a oralidade e o ritmo da tradição (vídeos, podcasts, rodas de conversa); lutar por políticas públicas que reconheçam os territórios culturais como espaços legítimos de formação e produção de conhecimento.

Como nos lembra Luiz Rufino (2019), “o primeiro tambor cruzando o Atlântico foi o corpo negro”. Essa imagem, carregada de dor e de beleza, nos recorda que a resistência não é apenas sobrevivência – é criação. A Congada, assim como a Capoeira, o Candomblé e os saberes indígenas, não resiste apesar do colonialismo, mas através dele. São tecnologias de (re)existência que florescem como sementes sobre o asfalto, reinventando o mundo com cada batida, cada passo e cada ginga.

Que este texto, portanto, não se encerre em si, mas reverbere como maracá que convoca, como ponto que se entoa, como roda que se abre. Que ele inspire práticas educativas que plantem futuro com as raízes fincadas no chão da memória. E como diz o verso cantado pelo Terno do Penacho:

“Planta que o chão dá, só não dá se não plantar.”
Que plantemos, pois. E que o axé da Congada continue germinando liberdade.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La frontera: the new mestiza**. 4 ed. San Francisco: Aunte Lute Books, 2012.

KATO, Danilo Seithi (Org.). **BIONAS para a formação de professores de biologia: experiências no observatório da educação para a biodiversidade**. São Paulo: Livraria da Física, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jesus Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. 244p.

LIMA, Rafael Honorato de. **Pedagogia Congadeira: Germinações de uma proposta para a Educação das Relações Étnico Raciais**. Orientador: Danilo Seithi Kato. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba-MG, 2023.

MACHADO, Tatiane Trindade. **Da capoeira escrava à regional de mestre bimba de 1808 a 1937: uma reflexão histórica** - SEMINÁRIO GEPRÁXIS, Vitória da Conquista, BA, v. 6, n. 6, p. 3700-3718, 2017.

MUNANGA, Kabengele. **O negro na sociedade brasileira: uma luta histórica**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1999.

RUFINO, Luiz. **Ponta-cabeça: educação, jogo de corpo e outras mandingas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2023. 108 p.

NASCIMENTO, Abdias do. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo**. Trad. Édina de Marco. Estudos Feministas, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.